

Arte, Experiência e Educação. Cartografias de Si:

processos de criação e aprendizagem
colaborativa na pós-graduação

• 2024 •

Arte, experiência e educação, cartografias de si: processos criativos e percursos de formação de professores: o traçado coletivo de uma viagem

Sumaya Mattar*

Os autores desta coletânea se conheceram no início de 2021, durante uma disciplina de pós-graduação intitulada “Arte, experiência e educação, cartografias de si: processos criativos e percursos de formação de professores”. Esta disciplina, que venho ministrando desde 2009¹, faz parte da linha de pesquisa “Teoria, Ensino e Aprendizagem da Arte” do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Devido às circunstâncias únicas impostas pela pandemia de Covid-19, esta foi a primeira e única vez que as aulas desta disciplina foram realizadas de maneira não presencial, adaptando-se às necessidades de isolamento social.

Desde sua origem, a disciplina se baseia no pressuposto de que a docência da arte é alimentada por pesquisa, experimentação, criação artística e reflexão constante sobre as práticas e os contextos educativos, conforme anunciado no programa:

A conquista de uma atitude própria frente aos processos de ensino e aprendizagem equivale a um contínuo processo de autocriação do professor, pressuposto de uma práxis docente artístico-educativa pautada no exercício crítico-reflexivo e na inteligência criadora. A perspectiva em questão busca evidenciar a necessidade das pesquisas e iniciativas relacionadas à formação docente oferecerem subsídios para a construção, criação e

1. Entre 2009 e 2021, a disciplina foi ofertada doze vezes, atendendo 150 mestrandos, doutorandos e Alunos Especiais. Inicialmente chamada “Professores de arte: formação e prática educativa”, a disciplina sofreu alterações em 2012, sendo renomeada para “Arte, experiência e educação, cartografias de si: processos criativos e percursos de formação de professores”.



*Docente da Universidade de São Paulo, onde leciona no ensino de graduação e pós-graduação em Artes Visuais da ECA e no Programa de Pós-Graduação em Diversidades, Direitos e outras Legitimidades, da FFLCH.

recriação de saberes, técnicas, valores, princípios e teorias, voltando-se para a compreensão do ato educativo em sua riqueza e complexidade, tendo em conta não somente o educando, mas todo o contexto educativo.²

Esse pressuposto fomenta a procura por um trabalho que ofereça experiências tanto individuais quanto coletivas, facilitando um encontro genuíno entre os participantes: mestrandos e doutorandos de vários programas de pós-graduação da USP, além de estudantes de pós-graduação da UNESP e da UNICAMP e pessoas ainda não formalmente ligadas a um programa de pós-graduação, que, após um processo seletivo, são aceitas como Alunos Especiais. Neste contexto, apresento a arte e a educação como áreas interconectadas e interdependentes, que se mesclam e se reforçam mutuamente ao longo das aulas.

O objetivo principal desta disciplina é “fornecer subsídios teóricos e metodológicos às investigações relacionadas à aprendizagem artística, à formação de professores e aos estudos que envolvam aspectos correlacionados a estes campos de pesquisa, em uma perspectiva dialógica, vivencial e inventiva”.

Seria possível assegurar este objetivo em meio ao distanciamento social e à ausência de aulas presenciais, já que a disciplina pressupõe a realização de um processo de aprendizagem movido pelo diálogo, pela vivência de processos de criação individuais e coletivos e pela construção conjunta de conhecimentos?

Foi necessário um esforço permanente da docente e dos dezenove estudantes matriculados para que esses pressupostos fossem garantidos.

Dentre os participantes da turma de 2021, estavam: sete mestrandos e cinco doutorandos de variados programas da USP, nas áreas de arte, educação, humanidades e saúde, um aluno ouvinte e sete Alunos Especiais. Entre esses, havia um mestrando do IA/UNESP, uma mestranda do IA/UNICAMP, uma doutoranda em arquitetura da UFPA e quatro pessoas ainda não vinculadas a programas de pós-graduação, com formação em Artes Cênicas, Artes Visuais e Pedagogia. Todos participam deste livro, com textos que refletem, direta ou indiretamente, as dificuldades daquele momento, a amplitude e a profundidade com que exploramos nosso potencial criativo durante as aulas e as contribuições das nossas experiências às pesquisas que estavam em andamento.

2. Cf. o programa da disciplina, disponível em: <https://uspdigital.usp.br/janus/disciplina/informacoesDisciplina.jsf>

O percurso de aprendizagem proposto na disciplina é pontuado por uma série de dispositivos nomeados por mim de “atos cartográficos”, que são concebidos como partes integrantes de uma “viagem”.

A metáfora da viagem foi adotada quando eu ainda estava no mestrado, entre 1998 e 2002³, para imprimir à formação um sentido temporal, evidenciar os deslocamentos de várias naturezas que ocorrem ao longo da experiência acadêmica, profissional e da própria vida, bem como para incentivar os participantes a explorarem novos territórios, abraçando a incerteza e a aventura do processo criativo na arte, na educação e na pesquisa.

Por meio dos “atos cartográficos” - práticas que convidam à desalienação, à autoria e à autonomia - os “viajantes”, orientados por seus projetos poético-pedagógicos⁴, exploram, experimentam, investigam e criam infinitas possibilidades de rotas para os seus percursos. Neste processo, a consciência crítica e a ação transformadora vão sendo exercitadas e aprofundadas, integrando-se organicamente, o que torna o curso um espaço coletivo de aprendizagem fervilhante, no qual todos aprendem e ensinam, enquanto vão se dando conta de seus propósitos e tomando decisões importantes sobre seus projetos.

Este movimento que integra uma rica fusão de estudos teóricos, vivências compartilhadas, experimentação e criação, tanto artística quanto pedagógica, tem oferecido uma contribuição significativa para a realização de dissertações de mestrado e teses de doutorado, além de inspirar uma variedade de projetos artísticos e educativos.

Como já mencionado, para estabelecer a dinâmica criadora, proponho a realização de diversos “atos cartográficos” ao longo das aulas. Durante o primeiro semestre de 2021, foram introduzidos três atos cartográficos principais, acompanhados por várias atividades complementares.

O primeiro ato cartográfico envolveu a criação de um relato autobiográfico focado nas experiências que cada estudante percebia como tendo sido determinante para o seu projeto de pesquisa,

3. MORAES, Sumaya Mattar. **Aprender a ouvir o som das águas**: o projeto poético- pedagógico do professor de arte. São Paulo: FEUSP, 2002. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-28062018-143506/pt-br.php>

4. O termo “projeto poético-pedagógico” foi cunhado por mim também durante a elaboração da minha dissertação de mestrado. Este conceito descreve a interação entre arte e educação na concepção e realização de projetos criativos em arte, nos quais os docentes reconhecem a sua autoria.

seja de mestrado ou doutorado. Este relato foi acompanhado por uma “tradução poética” - uma representação artística que busca capturar a essência da pesquisa. Para esta “tradução”, a escolha de uma materialidade é imprescindível, pois dela são extraídos conteúdos e potencialidades poéticas nem sempre alcançados pelo raciocínio inteligível e a palavra discursiva. Este ato fundador não apenas deu início ao processo criativo na disciplina, como também promoveu a interação entre os participantes, pois além de compartilharem experiências profundas, eles também praticaram a fala e a escuta.

O segundo ato cartográfico consistiu na elaboração de “mapas”, pelos estudantes, de um percurso previsto para suas pesquisas. Esta atividade é baseada na ideia de que um projeto de pesquisa, assim como qualquer projeto movido pela inteligência criadora, começa na imaginação, a partir de um desejo, e inclui a previsão/antecipação de um ponto de partida, de paradas intermediárias e de um destino final. Neste sentido, os estudantes foram encorajados a formular hipóteses e a antever possíveis desafios que poderiam enfrentar neste percurso. Ao criar estes mapas a partir de escolhas conscientes de linguagens e materiais, tem-se a oportunidade de vivenciar um processo genuíno de criação, que integra tanto a reflexão teórica quanto a prática artística. Este processo auxilia os estudantes a identificarem o que é essencial para a realização de seus propósitos e a guiarem suas trajetórias a partir de princípios e conhecimentos bem fundamentados, evitando um percurso de pesquisa errático, que não corresponda aos seus propósitos e desejos.

O terceiro ato cartográfico promoveu uma análise reflexiva sobre como os estudos, discussões, referências e conceitos apresentados nos seminários realizados pelos grupos enriqueceram as pesquisas individuais, reflexão que também poderia ser manifestada artisticamente.

Além destes três atos cartográficos centrais e de seminários sobre os temas centrais abordados na disciplina, quais sejam: *Cartografia e processos de subjetivação; Memória, narrativa e formação docente; Fazer artesanal, experiência e aprendizagem; Processos de criação na arte e a questão do projeto e Processos de criação na educação e a questão do currículo*, propus a confecção e a adoção de um caderno de apontamentos, a realização de registros poéticos das aulas e a criação e regência, em grupos, de uma aula para a turma.

Desde o primeiro oferecimento da disciplina, em 2009, a confecção do caderno artesanal tem sido

conduzida por Adriana Maria Motta de Siqueira, hoje doutoranda do PPGAV, sob minha orientação, e uma das organizadoras e autoras deste livro⁵.

Durante as aulas iniciais da turma de 2021, Adriana compartilhou com os colegas seus ricos conhecimentos práticos e teóricos sobre cadernos artesanais, enfrentando de forma inventiva o desafio inédito de ensinar a confeccioná-los em um ambiente virtual. Os belos cadernos produzidos pelos estudantes os acompanharam ao longo de todo o semestre, e, em alguns casos, para além dele.

Esta experiência primordial propiciada por Adriana e outras desenvolvidas na disciplina colaboraram diretamente com o desenvolvimento de algumas pesquisas e práticas educativas dos participantes, como é o caso de Ana Rosa Soares Negreiros Feitosa, também uma das organizadoras e autoras desta publicação, que preparava a sua tese de doutorado, já defendida⁶. O estudo aborda o trabalho desenvolvido com seus alunos em uma disciplina do curso de Arquitetura da Universidade Federal da Paraíba.

Os atos cartográficos propostos em meu trabalho foram sendo concebidos aos poucos, a partir das minhas pesquisas e experiências docentes, com o objetivo de fomentar a reflexão, a experimentação e a criação, propiciando aos participantes o aprofundamento da vivência e do entendimento dos processos de criação inerentes aos campos da arte e da educação.

Atos cartográficos nucleares como o relato autobiográfico e a cartografia do projeto artístico, de pesquisa ou educativo sempre estão presentes nos processos formativos conduzidos por mim, enquanto outros são criados especialmente para cada grupo de estudantes, a partir de suas características e necessidades específicas.

5. Adriana estuda o caderno artesanal desde a sua graduação em Artes Visuais, quando dedicou o seu trabalho de conclusão de curso, desenvolvido no Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da USP, a este objeto de conhecimento. O tema foi retomado em sua pesquisa de mestrado, desenvolvida no PPGAV/ECA/USP, defendida em 2021, intitulada "Costurando a distância: a artesanaria na construção e partilha de universos". O tema continua presente em sua pesquisa de doutorado, em desenvolvimento no mesmo programa de pós-graduação. Acesso ao texto completo da dissertação em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-14072022-095239/en.php>

6. **Arqueologia de uma sala de aula.** Práticas artísticas como campo experimental e crítico do ensino e da aprendizagem da Arquitetura e do Urbanismo. Paraíba: Universidade Federal da Paraíba, 2023.

Com o tempo, fui compreendendo que os vários dispositivos que proponho, seja na pós-graduação, na graduação ou na formação continuada de professores, configuram um sistema integrado, que passei a denominar de “Sistema formativo cartografias de si”.

O conceito de “cartografias de si” é inspirado na obra de Michel Foucault, especialmente em seus estudos sobre como o indivíduo se constitui e interage consigo mesmo e com os outros. Foucault enfatiza a autoconstrução como uma forma de arte, em que a vida é moldada por um processo de auto elaboração e transformação. Este conceito, embora pareça centrado no indivíduo, é intrinsecamente ligado a um processo formativo mais amplo, que envolve ética, estética, política, arte e educação. Nesse processo, há uma interação dinâmica e reflexiva entre o interior e o exterior, o pessoal e o social, entrelaçando passado, presente e futuro. Além disso, em um contexto colaborativo de aprendizagem, também são abordadas questões relacionadas à subjetividade dos participantes, às políticas educacionais, profissionalização e condições de trabalho, temas que são examinados e debatidos à luz de estudos teóricos e empíricos.

Sendo a educação uma obra coletiva composta de inúmeras obras individuais, o percurso formativo proposto na disciplina objetiva contribuir para o cultivo de educadores, artistas e pesquisadores que concebam a sala de aula – seja na escola, na universidade ou em espaços de educação não formal – como uma comunidade de aprendizagem, na qual o diálogo, o afeto e o fazer conjunto são cultivados e os desejos e necessidades individuais e coletivas são acolhidos e potencializam processos de criação.

Os participantes são encorajados a compreender que a jornada para nos tornarmos professores, artistas ou pesquisadores é contínua e percorre toda a nossa existência. Assim, é necessário fazermos escolhas conscientes que favoreçam a assunção da autoria de nossas próprias trajetórias, sem desconsiderarmos o papel que as outras pessoas e o meio social assumem neste processo.

Esta abordagem convida os “viajantes” a perceberem a incerteza, a imprevisibilidade e os desafios, que, inevitavelmente, surgem durante a sua jornada, não como barreiras, mas como potenciais impulsionadores da inteligência criadora.

Quando substituímos a práxis de mera imitação por uma práxis criativa, começamos a desenvolver uma

conexão mais íntima e profunda com o nosso objeto de estudo. Isso nos leva a explorar além da repetição de métodos e técnicas convencionais e abre caminho para uma compreensão mais rica e profunda dos processos de criação na arte, na educação e na pesquisa.

“No Sistema formativo cartografias de si”, a memória e a reflexão desempenham papéis cruciais. Através da criação e da escuta atenta de narrativas autobiográficas, os participantes exploram momentos marcantes em suas trajetórias pessoais e identificam as influências que formaram suas percepções sobre arte e educação.

Este processo de recordar, narrar e ouvir não apenas fortalece a aprendizagem colaborativa, como também facilita o autoconhecimento e a compreensão dos outros. Além disso, fornece *insights* valiosos para o desenvolvimento de caminhos autênticos, tanto na vida pessoal quanto nas carreiras acadêmicas e profissionais. As experiências vivenciadas durante a pandemia de Covid-19, embora desafiadoras, tornaram-se uma fonte de aprendizado valioso, especialmente no âmbito educacional. Essa realidade é evidente nos textos reunidos nesta publicação.

Afastados fisicamente das nossas universidades, conseguimos, ainda assim, alcançar a essência da arte e da educação ao nos conectarmos uns com os outros por meio de práticas coletivas que ultrapassaram as limitações da distância e a frieza dos equipamentos eletrônicos.

É natural que essa intensa vivência tenha exercido influência em muitas das pesquisas dos participantes, algumas das quais tive a oportunidade de ver concluídas, como é o caso da dissertação de Adriana Maria Motta de Siqueira, já citada, e das dissertações de Felipe Augusto Michelini da Silva⁷, Jayme Valarelli Menezes⁸, Cariele do Sacramento Souza⁹ e Maria Eugênia Zimbres¹⁰, para cujas bancas examinadoras tive a honra de ser convidada. A postura ética e humanística que marcou o processo que vivenciamos emergiu da necessidade vital do enfrentamento coletivo e individual das adversidades impostas pela pandemia.

7. **Palhaçaria e educação:** As aventuras de um professor-palhaço na escola pública. São Paulo: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, IA, 2023.

8. **Ueinz:** território de transmutação poética e política”. São Paulo: Universidade de São Paulo, FFLCH, 2023.

9. **Dos nós às tramas:** afetos, SobreVivências e criações de si”. São Paulo: Universidade de São Paulo, FO, 2023.

10. **A arte como experiência na educação infantil:** caminhos transformadores em um currículo inspirado na abordagem de Reggio Emilia em meio a pandemia de Covid-19”. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, IA, 2023.

Como José Antonio Marina¹¹ sugere, somos moldados tanto pelas nossas realidades concretas quanto pelas potencialidades imprevisíveis que desabrocham diante de circunstâncias desafiadoras; assim, a pandemia nos mostrou que somos cidadãos divididos entre a realidade imposta e o desejo de superá-la, e reforçou a ideia de que a inteligência humana, em sua busca por sabedoria, liberdade e invenção, não pode ignorar a realidade vivida. Isso é particularmente verdadeiro na atividade de pesquisa em arte e educação, em que a práxis criadora genuína parte do entendimento das características, necessidades e potencialidades dos sujeitos e contextos educativos reais, para então inventar novas realidades possíveis. Acredito que essa tenha sido uma lição preciosa oferecida pela disciplina *“Arte, experiência e educação, cartografias de si: processos criativos e percursos de formação de professores”* no primeiro semestre de 2021.

A arte na educação tem grande importância como forma de expressão e como um meio de libertação das restrições que limitam nossa existência. Não à toa, no período de incertezas e isolamento imposto pela pandemia, a arte foi um verdadeiro farol que nos guiou e impediu que nos perdêssemos na noite interminável.

A ressignificação do papel da arte e da educação no contexto de formação de pós-graduandos, vivenciada durante aquele desafiador período, demonstra que juntos somos capazes de derrubar muralhas reais ou imaginárias e realizar transformações. Sobre isso é que, substancialmente, versam os vinte textos desta obra.

Em meio às palavras escritas, o leitor poderá encontrar imagens produzidas pelos autores e autoras durante as diversas experiências vivenciadas ao longo das aulas. Essas e outras muitas produções, incluindo as textuais e audiovisuais, fazem parte do drive da disciplina, uma ferramenta que ocupou um lugar muito importante naquele contexto. Dada a qualidade e grande quantidade, esses trabalhos poderiam render muitas outras publicações. Nesta obra, no entanto, cientes da impossibilidade de inclusão de todas as produções, focamos nos ensaios finais redigidos ao término do curso, além de selecionarmos algumas imagens produzidas durante o semestre.

Convidamos o leitor a embarcar na leitura desta coletânea, cujos textos oferecem ricas perspectivas, ideias e narrativas que perpassam tanto a pesquisa, quanto a práxis em arte e educação, e são atravessadas por diversos campos de conhecimento, como veremos nas descrições a seguir.

Adriana Amaral, em “Das tecnologias ancestrais: O fazer nos processos de ensino-aprendizagem atravessados por uma pedagogia artesã”, explora a interseção entre a pedagogia artesanal e os processos de ensino-aprendizagem. Com base em sua experiência de dezessete anos como orientadora artística, Adriana destaca a importância do fazer artístico e pedagógico como atos simultâneos e criativos. A autora critica as visões ocidentais de ensino, muitas vezes desvinculadas da ancestralidade, e enfatiza a valorização das habilidades artesanais como práticas que ressignificam o cotidiano e possuem um forte compromisso ético. Adriana também reflete sobre as tradições de povos indígenas e africanos, em que o fazer está ligado à coletividade e à continuidade histórica, exemplificando com a filosofia Sankofa dos povos Akan. A autora narra suas memórias de infância, ligadas à arte e ao artesanato praticado pelos pais, e como isso influenciou sua abordagem pedagógica atual, e ressalta a importância da oralidade e da palavra como forças criativas nas tradições africanas.

“Sobre a artesanaria docente: cultivo e organização de gavetas de guardados e conversas em volta da fogueira – Reflexões a partir da disciplina *Arte, experiência e educação, cartografias de si: processos criativos e percursos de formação de professores*”, de **Adriana Maria Motta de Siqueira**, discorre sobre a necessidade de reinvenção da prática docente em um ambiente remoto, enfatizando a importância do vínculo afetivo e da busca por proximidade, mesmo que à distância. O texto explora a arte de ensinar como um processo artesanal, em que o professor é visto não apenas como um transmissor de conhecimento, mas como um “artífice” - alguém que se compromete profundamente com seu ofício e com as implicações sociais de seu trabalho. Adriana utiliza suas experiências e a de outros educadores para ilustrar como o ensino pode ser uma experiência rica, significativa e transformadora tanto para estudantes quanto para professores. O texto oferece uma visão sensível sobre a educação, ressaltando a importância da experiência, da memória e da criação na jornada de ensino e aprendizagem da arte.

“A procura pelas águas”, de **Agnello Augusto de Assis Vieira**, destaca a contemplação e a profundidade da fotografia analógica, por envolver um processo meticuloso e quase ritualístico não existente na fotografia digital. O autor compartilha sua jornada pessoal de redescoberta artística e a importância da fotografia em sua vida, ressaltando como esta linguagem o ajuda a moldar

narrativas diárias e a exercer sua capacidade de criação. O ensaio também aborda a interação entre fotografia, desenho e pintura, explorando a fluidez e a interconexão dessas formas de arte.

Ana Rosa Soares Negreiros Feitosa, em seu texto “Práticas artísticas contemporâneas como campo experimental e crítico do ensino da arquitetura e do urbanismo”, escreve sobre a integração da arte contemporânea no ensino da arquitetura e urbanismo. A autora discute como o questionamento crítico e a desconstrução de práticas convencionais são essenciais na formação dos estudantes. Ana Rosa enfatiza a importância do espaço físico da sala de aula e como sua organização influencia a aprendizagem e o comportamento e detalha diversas atividades práticas realizadas com seus estudantes, tais como: a reorganização da sala, a elaboração de desenhos coletivos, instalações artísticas e projetos utilizando diversos materiais. Essas atividades visam fomentar a reflexão crítica, a criatividade e a compreensão do espaço arquitetônico e urbano. Ana Rosa também aborda a relevância de se questionar convenções e normas pré-estabelecidas, incentivando os estudantes a experimentarem diferentes formas de expressão e compreensão do ambiente construído.

O texto de **Elaine Santana**, “Teia de afetos: tecendo aprendizagens por meio da experiência e criação”, é um relato sensível sobre as experiências da autora na disciplina “Arte, experiência e educação, cartografias de si: processos criativos e percursos de formação de professores”, em meio ao difícil contexto pandêmico. Elaine descreve como a crise sanitária, agravada por políticas governamentais desfavoráveis e desafios pessoais, influenciaram profundamente sua vida e experiência docente. Apesar dessas adversidades, Elaine encontra nas aulas semanais da disciplina um lugar de conforto, acolhimento e expressão criativa. A narrativa detalha a contribuição do curso em sua constituição como “professora-artista”, ao adotar uma “pedagogia artesanal” que integra as artes em seu ensino. O texto também discorre sobre a importância do trabalho com a memória e a narrativa autobiográfica, bem como a interação com os colegas e a realização de projetos coletivos, destacando a importância da colaboração e do apoio mútuos para a tessitura de uma rede afetiva que serviu como plataforma de resistência durante um período tão desafiador.

No ensaio “Mergulhar em si para pensar o mundo: narrativas autobiográficas, histórias inventadas e formação docente”, **Felipe Augusto Michelini da Silva** explora a intersecção entre a arte, a docência e a experiência pessoal, utilizando sua jornada como professor-palhaço na educação pública como pano de fundo. Através de reflexões sobre a escrita e a análise de histórias de vida, Felipe argumenta que essas narrativas são fundamentais tanto para a formação docente quanto para a pesquisa acadêmica. Suas experiências, marcadas pela interação com estudantes e colegas, revelam como a arte da palhaçaria influencia sua abordagem pedagógica, promovendo um ambiente de aprendizagem mais envolvente e significativo. O texto ressalta a importância de se reconhecer e valorizar as histórias pessoais e coletivas dentro do contexto educacional, defendendo que contar e recontar essas experiências não apenas enriquece a prática docente, como também contribui para a construção de um conhecimento mais humano e conectado com a realidade dos educandos.

Giuliano Maurizio Ronco reflete sobre sua experiência como estagiário no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), em seu texto “Arte, Experiência e (r)e(s)istência”, focando no poder e no significado das palavras no contexto da arte. Através de uma jornada etimológica, Giuliano explora como as palavras agem como ferramentas cruciais na interpretação e apreciação da arte, abordando a relação entre palavra e imagem e mostrando como elas se entrelaçam para criar experiências significativas em um museu. A narrativa de Giuliano aborda o papel das palavras em formar imagens, estimular reflexões e estabelecer conexões entre o público e as obras de arte, proporcionando experiências significativas que convocam respostas singulares.

“Ueinzz e o Teatro Menor”, de **Jayme Menezes**, explora o conceito de “Teatro Menor”, praticado pela Companhia Teatral Ueinzz, destacando a natureza colaborativa e processual do trabalho desenvolvido por este coletivo, no qual não há atores tradicionais, mas sim *performers* que participam ativamente do processo criativo. A abordagem inclui aquecimentos e jogos teatrais adaptados e improvisados, os quais qualquer pessoa pode integrar. Este método reflete o conceito de “Minor”, de Gilles Deleuze, como interpretado por Erin Manning, enfatizando a criação de novas formas de existência. A companhia opera sem um diretor fixo e é composta por indivíduos com experiências e histórias de vida diversas, assumindo diferentes responsabilidades, desde encenadores a figurinistas. Jayme considera que este ambiente fomenta uma convivência ética, libertária e igualitária, na qual todos contribuem com suas habilidades e experiências singulares.

“Cartografia em cartas”, de **Jéssica Miho Tanaka Sakaguchi**, é uma reflexão em forma de cartas, em diálogo com a experiência vivenciada pela autora durante a disciplina. A primeira carta descreve o processo criativo como uma jornada de autoconhecimento e crescimento, enfatizando a importância das experiências acumuladas ao longo do tempo. Na segunda carta, Jéssica discute a necessidade da escuta nas relações pedagógicas e das abordagens feministas, antirracistas e decoloniais na educação. A terceira carta explora a pedagogia artesanal e o turismo como formas de aprendizagem, associando viagens, físicas ou intelectuais, à educação e ao autoconhecimento. Na última carta, a autora reflete sobre as dificuldades e os medos associados à pesquisa acadêmica e descreve o processo criativo como algo que se desenvolve ao longo do tempo, destacando a importância de aceitar a desordem e o inacabado no processo de pesquisa e escrita.

“Ato Cartográfico: construindo o caminho ao caminhar em tempos de peste”, de **Lucas Gonzaga Rosa**, é um mergulho na jornada pessoal, acadêmica e profissional do autor, em um período de crise sanitária e política altamente desafiadora. Lucas discorre sobre a importância das artes, da memória e da interdisciplinaridade em sua formação e reflete sobre a potência das experiências pessoais e acadêmicas em processos de construção de conhecimento e de desenvolvimento de identidade cultural. Por meio de uma narrativa sensível e introspectiva, Lucas destaca a relevância da cartografia pessoal e da expressão artística, que foram trabalhadas na disciplina de pós-graduação “Arte, experiência e educação, cartografias de si”, convidando-nos a refletir sobre como a arte e a educação podem ser ferramentas de resistência e expressão mesmo em situações-limite.

Em seu texto “Perspectivas do ato criador em cadernos escolares”, **Maria Angélica Durães Mendes de Almeida** investiga a importância e o papel do desenho em cadernos escolares de estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A autora examina como os desenhos, frequentemente orientados por professores não especialistas em arte, refletem a abordagem pedagógica da linguagem visual. Maria Angélica também discorre sobre o desenvolvimento da aprendizagem e a transformação da cultura escolar ao longo do tempo, relacionando os desenhos dos estudantes com o processo de alfabetização e letramento.

“Reflexões sobre Currículo, Experiência e Educação Infantil na Arte”, de **Maria Eugênia Zimbres de Moura**, apresenta uma reflexão sobre as interseções entre currículo, experiência e Educação Infantil, baseando-se nos estudos e vivências desenvolvidos na disciplina, em especial nas ideias de Lawrence Stenhouse e John Dewey. Maria Eugênia indaga como o currículo pode moldar e ser moldado pela experiência artística na educação

infantil e relata experiências práticas vivenciadas em uma instituição educacional de Jundiaí, em que se destacam atividades artísticas desenvolvidas no contexto do ensino remoto imposto pela pandemia de Covid-19.

Mayara Floss participa deste livro com dois textos que compartilham uma preocupação comum com a humanidade, a natureza e o sentido da vida, enfatizando a necessidade do cuidado e de maior consciência e responsabilidade ambiental, sugerindo que, em tempos de crise, é essencial reconsiderar e redefinir nossas relações com as outras pessoas e com o mundo ao nosso redor. “A vida (e a casa) como obra de arte” discorre sobre a experiência de uma médica de atenção primária no Brasil rural, lidando com um jovem paciente em cuidados paliativos. A narrativa aborda temas como a vida, a morte, e o valor do trabalho comunitário, ilustrando como a casa e o ambiente podem se transformar em uma obra de arte significativa. Através do caso de Gabriel, o texto de Mayara explora a interação humana e o impacto emocional da medicina no contexto da atenção domiciliar e comunitária. A história revela como a casa de Gabriel, construída rapidamente pela comunidade, torna-se um símbolo de amor, esperança e da arte de viver, mesmo diante da iminência da morte. O segundo texto de Mayara, “Aterror: um manifesto da mão humana”, é um manifesto sobre a urgência de “aterrar”, ou reconectar-se com a Terra, no contexto da pandemia de Covid-19. A autora examina o impacto humano no planeta, a necessidade de uma abordagem mais integrada e respeitosa com o meio ambiente e a importância do toque humano e do trabalho artesanal como meios de reconexão.

Movida por seu interesse nas artes e pela necessidade de práticas pedagógicas inclusivas, em “A arte de ser acessível: um processo pedagógico”, **Patrícia Muccini** discorre sobre uma proposta interdisciplinar que integra arte, educação e acessibilidade e explora como as linguagens artísticas podem contribuir significativamente para a acessibilidade em contextos educacionais, especialmente para a desmistificação de corpos com deficiência. O texto destaca a importância de um olhar poético e estético na pedagogia voltada para pessoas com deficiência, contrapondo-se ao modelo biomédico tradicional, e apresenta a trajetória profissional da autora tanto na Educação Especial quanto no Ensino Superior. Patrícia também aborda as limitações práticas na melhoria de avanços teóricos na educação, enfatizando a potência da arte em transcender barreiras e promover um novo entendimento de corpo e identidade, desafiando normas e enriquecendo a percepção sobre acessibilidade e inclusão.

Em “Um quintal – memória, experiência e narrativa”, **Rebeca da Silva Braia** analisa a peça teatral “O Quintal”, de João das Neves, uma obra que reflete sobre a ruptura da cultura nacional brasileira após o Golpe de 64. A peça, que é parte da Feira Brasileira de Opinião de 1977, aborda de maneira ficcional o incêndio do prédio da UNE pelos militares em 1968. Rebeca examina como essa dramaturgia tensiona a memória ao narrar um evento histórico com significado social profundo. A análise também aborda o papel da narrativa na cultura, com base nas ideias de Walter Benjamin sobre a crise do drama e a relação entre experiência e representação, e explora a relação entre arte, cultura popular e a luta de classes no Brasil, enfatizando a responsabilidade social dos artistas e intelectuais na representação e transformação da realidade.

“Educação e relações étnico-raciais: Instrumentos, ferramentas – intencionalidade e propósito”, de **Rogério Salatini de Almeida**, apresenta uma reflexão sobre a importância e as implicações da Lei 10.639/2003, que introduziu a obrigatoriedade das Histórias e Culturas Afro-Brasileiras no currículo escolar, em resposta a demandas sociais por um ensino que enfrente as questões étnico-raciais na educação. O texto destaca que a educação antirracista vai além da mera inclusão de conteúdos sobre a cultura afro-brasileira; exigindo uma transformação estrutural e subjetiva na sociedade e no ambiente educacional. Rogério alerta para a necessidade de uma abordagem que seja intencional e reconheça o racismo como uma estrutura social profunda e ambivalente, que afeta tanto a sociedade quanto as subjetividades individuais, e ressalta a importância de práticas pedagógicas que promovam resistência e criação.

Sandra Kaffka, em “Atravessamentos”, retoma sua jornada na disciplina de pós-graduação, a partir da exploração da ideia de “cartografia sensível”. A autora reflete sobre a arte como uma forma de projetar mundos paralelos e hipotéticos dentro da realidade. A peça central da discussão proposta por Sandra é o seu projeto de doutorado “Luz: Espaços em Transformação”, que se concentra em instalações luminossônicas interativas e responsivas, projetadas para sensibilizar o público sobre questões ambientais, tais como o Antropoceno e as mudanças climáticas. Neste sentido, Sandra reflete sobre o papel crucial dos dispositivos tecnológicos e a relação entre arte e público, destacando a importância da interação e da inclusão no contexto da arte contemporânea. A narrativa de Sandra também aborda a prática artística na universidade, o impacto da pandemia da Covid-19 e o desafio de equilibrar teoria e prática, destacando a relevância da criação artística colaborativa e o potencial da arte em facilitar um espaço de encontro, fruição e reflexão.

“Educação e iniciação científica em ensino de Astronomia para docentes dos anos iniciais e do Ensino Fundamental I e II: de conteúdos, metodologias e práticas com o auxílio das artes audiovisuais”, de **Sílvio Fernandes do Amaral**, examina as dificuldades enfrentadas por professores no ensino de Astronomia, destacando concepções distorcidas e erros recorrentes em livros didáticos, bem como lacunas em diretrizes curriculares oficiais. Sílvio, que é professor da Educação Básica, ressalta a necessidade de recursos que enriqueçam a aprendizagem científica nas escolas e tornem o ensino da Astronomia mais significativo.

Pelas descrições dos textos que compõem esta coletânea, observamos que a viagem traçada e percorrida coletivamente nas aulas da disciplina “*Arte, Experiência e Educação, Cartografias de Si: Processos Criativos e Percursos de Formação de Professores*” foi uma experiência muito rica para todos os participantes.

Nosso desejo é que o leitor aceite o convite para embarcar em uma jornada que pode ser tão enriquecedora e estimulante quanto a que foi vivenciada por nós.

Que cada palavra aqui compartilhada suscite ideias, convide ao diálogo e à reflexão e inspire ações transformadoras.



Referências bibliográficas

MARINA, José Antonio. **Teoria da inteligência criadora**. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.

MATTAR, Sumaya. **Sobre arte e educação: entre a oficina artesanal e a sala de aula**. Campinas: Papirus, 2010.

MATTAR, Sumaya. Práticas de registro e processo de ensino-aprendizagem da arte. *In*: **Cadernos de Registro Macu**. São Paulo: Teatro Escola Macunaíma, 2017, pp. 6-15. Disponível em: <http://www.macunaima.com.br/cadernos/caderno_10/caderno_10_dossie01.pdf> Acesso em: 16 de jan. 2024

MATTAR, Sumaya. O ato cartográfico na docência da arte: instaurando estados criativos de experimentação. Anais do 26o. Encontro Nacional da ANPAP. **Anpap**: Campinas, 2017. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br>> Acesso em: 27 de jan. 2024

MATTAR, Sumaya. Cartografias de si como processo (auto) formativo de educadores: apontamentos de viagem. *In*. Carla Juliana Galvão Alves, Maria Irene Pellegrino de Oliveira Souza, Ronaldo Alexandre de Oliveira (orgs.). Cartografias da formação e da ação docente nas artes: reflexões sobre a experiência. Londrina: PARFOR/UEL, 2017. **academia.edu**. Disponível em: <https://www.academia.edu/37757843/Cartografias_de_si_como_processo_auto_formativo_de_educadores_apontamentos_de_viagem> Acesso em: 31 de jan. 2024.

MORAES, Sumaya Mattar. **Aprender a ouvir o som das águas: o projeto poético- pedagógico do professor de arte**. São Paulo: FEUSP, 2002. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-28062018-143506/pt-br.php>> Acesso em: 20 de jan. 2024.

MORAES, Sumaya Mattar. **Descobrir as texturas da essência da terra: formação inicial e práxis criadora do professor de arte**. São Paulo: FEUSP, 2007. (Tese de Doutorado). Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-27112007-150820/pt-br.php>> Acesso em: 13 de jan. 2024

MORAES, Sumaya Mattar. Memória e reflexão: a biografia como metodologia de investigação e instrumento de (auto) formação de professores de arte. 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Salvador, 2009. **Anpap**. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/sumaya_mattar_moraes.pdf> Acesso em: Acesso em: 10 de jan. 2024





Crédito: Adriana Amaral.



MIÇANGAS

HASTE

ATRAÇ

CORRENTE

CASEADO

FOLHA